

ONAL GAZETA MERCANTIL

Ministros divergem sobre comportamento da economia

Palocci afirma que a retração do PIB é “natural” e Furlan diz que o resultado é “preocupante”

SANDRA NASCIMENTO
PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)

O fraco desempenho da economia brasileira no terceiro trimestre deste ano voltou a colocar os ministros do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, e da Fazenda, Antonio Palocci, em campos opostos. Enquanto o ministro responsável pela política econômica considera que o resultado “já era esperado e é natural, um ponto fora da curva de crescimento, mas não uma tendência”, Furlan foi taxativo: “é um resultado preocupante, os números vieram abaixo do esperado”. “A política econômica produziu os resultados previstos e isso dá agora condições para acelerar o trabalho de queda nas taxas de juros”, completou o ministro do Desenvolvimento.

O governo trabalha com uma expansão de 3,4% do PIB para 2005, mas é grande a expectativa para a revisão deste número depois do resultado de divulgado ontem pelo IBGE. Palocci admitiu apenas que o governo “vai refazer as contas e avaliar” os números. Já Furlan, depois de fazer seus próprios cálculos, disse que, “para crescer 4%, o Brasil precisaria crescer 0,8% no terceiro e no quarto trimestres”. “O País está longe disso, afirmou, sem arriscar qualquer percentual.

O ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, atividade que registrou o pior desempenho no período, com queda de 3,4%, foi mais otimista e disse acreditar que a economia brasileira pode terminar o ano 3,2% maior. Para ele, esse setor é cíclico e tem nos terceiros trimestres um dos piores resultados do ano, agravado agora pela crise da aftosa. “O que falta ao Brasil”, a exemplo dos países desenvolvidos, são políticas anti-cíclicas, o que ameniza os resultados negativos”.

Palocci e Furlan concordaram em um ponto: outubro ainda deverá trazer resultados negativos. Para o ministro da Fazenda isso não deverá afetar significativamente o resultado acumulado nos últimos três meses do ano, que, diz ele, deverá mostrar recuperação. Furlan reconhece que há sinais de melhora para o último trimestre, mas defende que, se nada for feito agora para abaixar os juros e estimular os investimentos, não haverá tempo para recuperação. “É preciso tomar providências para reverter a curva (do crescimento) e entrarmos em janeiro em outro ritmo”, ressaltou.

Para o ministro da Fazenda “toda política monetária tem custos” e que “o foco do Banco Central é o comportamento da inflação”. Ele acrescentou que “o mais importante é que devemos fechar o ano com dois pontos a menos na inflação e que isso vai

se refletir na renda das famílias, no aumento do conjunto da massa salarial e é isso que, olhando para frente, dá garantia para a continuidade do crescimento”.

AJUSTES DE ESTOQUES

O combate à inflação, na avaliação de Palocci, é o que garante “o ciclo de crescimento sustentado” no qual o País está agora inserido. Na avaliação de Palocci, os indicadores de renda, emprego, formal, de vendas e do crédito continuam positivos. “Esses indicadores é que são fundamentais para o equilíbrio da economia e da continuidade do crescimento; este resultado do terceiro trimestre não indica uma tendência; o crescimento certamente vai continuar porque todos os elementos estão dados e devem continuar trazendo os seus efeitos.”

O resultado do terceiro trimestre mostrou uma forte expansão do consumo das famílias — componente que representa 60% do PIB —, mas também, uma queda importante na oferta. Segundo o ministro da Fazenda, “quando há expansão no consumo das famílias e queda na oferta, com continuidade no crescimento da renda real, o desenho do terceiro trimestre é de ajuste de estoques” e que, “olhando para frente, a flexibilização da política monetária, a continuidade do aumento do emprego e da renda, aliados aos bons resultados do setor externo, indicam que o crescimento não vai parar”. Quanto às pressões para aumentar os investimentos, Palocci declarou que os indicadores fundamentais são sólidos”.



Antonio Palocci